

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

JILIANE MÓVIO SANTANA

**AS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO COMO NARRATIVAS HISTÓRICAS SOBRE  
A PRIMEIRA REPÚBLICA**

CURITIBA

2019

JILIANE MÓVIO SANTANA

**AS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO COMO NARRATIVAS HISTÓRICAS SOBRE  
A PRIMEIRA REPÚBLICA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA

2019

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **AS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO COMO NARRATIVAS HISTÓRICAS SOBRE A PRIMEIRA REPÚBLICA**

por

**JILIANE MÓVIO SANTANA**

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 13 de dezembro de 2019.

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima  
Orientador

---

Profa. Dra. Maurini de Souza  
Membro titular

---

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida  
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

## RESUMO

SANTANA, Jiliane Móvio. **As crônicas de Lima Barreto como narrativas históricas sobre a Primeira República**. XX folhas. Monografia (Curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

Lima Barreto apresentou em suas obras o retrato de um país cujo regime republicano recém-instaurado não eliminou as práticas de exclusão e opressão sobre a população negra e pobre, mesmo após a abolição da escravidão. Pretende-se neste trabalho analisar três das quatorze crônicas publicadas pelo autor na revista *Fon-Fon!* durante o ano de 1907, o primeiro de circulação do periódico. Tendo como perspectiva metodológica as discussões do historiador Hayden White, entendemos estes textos como narrativas históricas que possibilitam a compreensão de aspectos políticos e sociais da capital do Brasil da Primeira República. Ademais, a revista *Fon-Fon!*, assim como o livro de Felipe Botelho Correa que reúne as crônicas de Lima Barreto, também serão analisados como artefatos culturais que propiciam a pesquisa e a compreensão de aspectos da história do Brasil republicano sob a escrita barretiana. Para tanto, consideramos os apontamentos de Roger Chartier quanto à análise historiográfica do papel cultural e histórico desempenhado pelo veículo em que os textos foram publicados.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira. História. Crônica. Lima Barreto.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 UMA LITERATURA MILITANTE .....</b>	<b>10</b>
<b>3 ANÁLISE DAS CRÔNICAS .....</b>	<b>16</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As perspectivas de implantação do regime republicano no Brasil foram engendradas a partir das organizações e atuações de forças políticas e intelectuais, de posicionamentos ideológicos distintos, em um amálgama de quereres sobre os rumos do país e de seu posicionamento perante o mundo, orientado pelas lógicas eurocêntricas sobre ciência, nacionalismo, economia e desenvolvimento cultural. Os primeiros anos de regime republicano instaurado no Brasil, a chamada Primeira República (1889-1930), foram de efervescência destas forças e de seus defensores, tendo como parâmetro norteador para a acomodação política as relações destes grupos com o capital, seja ele gerado por meio das culturas de café, borracha e outros gêneros primários de exportação, seja aquele captado por meio dos maciços empréstimos realizados junto aos países europeus – notadamente a Inglaterra –, responsáveis pela intensa transformação dos centros urbanos brasileiros, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro, capital federal, fenômeno este caracterizado como a Regeneração (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 327), que será tratada adiante neste trabalho.

Com a descentralização do poder, a partir da instituição do regime presidencialista e federalista, as elites regionais consolidaram as oligarquias que operaram a política em níveis regional e nacional, por meio da Política dos Governadores, que mediavam as relações entre os poderes federal e local, orientadas e sustentadas pelo mandonismo e coronelismo e pelas práticas de clientelismo. Na esfera federal, as oligarquias mineira e paulista se concentraram e se revezaram no poder após os primeiros governos da chamada República da Espada (1889-1894), em que os processos eleitorais foram constituídos por fraudes e desvios em todas as etapas, com utilização de mecanismos como o bico de pena, a degola, o voto de cabresto e o curral eleitoral. Os âmbitos público e privado têm relações cambiantes e se articulam para garantir a manutenção de poderes e benefícios para algumas famílias, com amplo uso de violência e repressão.

Os conluios políticos que conduziram a consolidação do regime republicano no Brasil, compostos por militares e políticos positivistas, políticos e/ou grandes fazendeiros liberais, ex-monarquistas adequados às novas

circunstâncias e considerados peças importantes nos jogos políticos, assim como considerando seus próprios interesses, contaram também com intelectuais de projeção circunstancial para o período, seja ela econômica ou ideológica, apresentada por Sevcenko (1999) como a República dos Conselheiros. Estes intelectuais acomodados ao cenário político estavam articulados aos espaços de trânsito hegemônico de construção de documentos de legitimação oficial acerca da história do Brasil, da identidade nacional brasileira e do que é o brasileiro, como o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) ou a Academia Brasileira de Letras.

Para além das preocupações desta intelectualidade ligada ao poder, com relação à organização da sociedade brasileira, sobre o nacionalismo e território nacional e sobre a condução do país neste novo cenário político, houve também o esfacelamento de uma categoria mais ampla, a dos “homens das letras” (SEVCENKO, 1999, p. 100), com a divisão do grupo em intelectuais adequados ao cenário e atuando junto das forças políticas e econômicas arrivistas e o grupo de intelectuais à margem desta acomodação ideológica – e que apresentaram claro descontentamento diante da política republicana que se configurou de forma bastante distante dos ideais democráticos –, com alta concentração de capitais, de manipulações e negociações entre os acomodados, de visível marginalização social e cultural de grande parcela da população. Estes intelectuais entendiam e utilizavam a escrita literária, e posteriormente jornalística, com o potencial de denúncia e de análise sobre a situação da sociedade brasileira, em uma perspectiva de escrita que atuou no sentido de encaminhar as mudanças a partir da análise e da crítica. Lima Barreto foi um destes intelectuais, que buscou no serviço público o emprego para a subsistência e nas práticas jornalística e literária o caminho para a análise social, a denúncia e o desmonte do padrão burguês opressor, higienista e autoritário que se configurou nestas primeiras décadas do século XX no Brasil.

Segundo Sevcenko (1999), Lima Barreto assim como Euclides da Cunha foram exemplos dos “escritores-cidadão”, e aqui considerando suas diferenças e suas proximidades tanto com relação à escrita como às trajetórias pessoais. Marginalizados das práticas de escrita literária/jornalística hegemônica, operaram no sentido de apresentar panoramas do Brasil excluído, refletindo com criticidade aguda sobre a expansão do capitalismo, sobre o cosmopolitismo,

suscitando soluções às questões nacionais dos subúrbios e sertões, sob o viés humanitarista evidenciando a forte função utilitarista da palavra e das produções culturais para a evolução da humanidade segundo o parâmetro iluminista.

Tendo em vista estas perspectivas, pretende-se neste trabalho a análise literária de três crônicas ficcionais de Lima Barreto publicadas na revista *Fon-Fon!* no ano de 1907, também como narrativas históricas de um literato que articulava sua escrita no sentido de analisar e criticar a organização social brasileira imposta a partir de escolhas políticas voltadas ao mercado e ao estímulo ao consumo dos produtos e padrões de vida de burgueses, limitado a uma parcela ínfima da população. As crônicas selecionadas foram assim intituladas “As paradas da ‘Jardim’”, “As tabuletas da Avenida” e “A propósito” (BARRETO, 2016, p. 208). A seleção foi realizada a partir de alguns critérios para possibilitar a construção desta monografia. Elas tratam dos impactos na organização urbana da cidade do Rio de Janeiro a partir da Regeneração e da introdução de diversos aspectos e práticas culturais e de consumo, de origem europeia; foram publicadas no mesmo ano, 1907, em um veículo de comunicação elitista e que teve por orientação justamente a divulgação dos hábitos e práticas culturais europeus, o periódico *Fon-Fon!*, em seu primeiro ano de circulação. Ademais, pretende-se também analisar este periódico com relação a seu alcance e público consumidor, suas publicações e orientações, para indagar a vinculação de Lima Barreto a este periódico, observando que o autor utilizava diversos pseudônimos para as publicações de suas crônicas.

Para construir esta proposta de análise organizamos a exposição de forma a apresentar aspectos da trajetória de Lima Barreto, de sua formação e a relação com seus pares, com o chamado modernismo carioca (anterior ao modernismo paulista, que culminou na Semana de Arte Moderna de 1922) e das configurações políticas, sociais, culturais e ideológicas deste período, o início do século XX e a segunda década de existência do regime republicano brasileiro. O cenário de análise barretiana é a capital federal no início do século XX, um dos principais centros urbanos remodelados e reorganizados para o funcionamento a partir do padrão burguês importado da Europa, e com isso pretendemos também apresentar o contexto da Regeneração e da Belle Époque à brasileira. Vamos analisar as três crônicas ficcionais, observando a importância do gênero crônica, do uso dos pseudônimos e do recurso textual da sátira para a exposição



de análises sobre a capital federal e o regime republicano, considerando seus suportes impressos a partir da perspectiva dos historiadores Hayden White e Roger Chartier. Por fim, apontaremos a relevância da figura do escritor-cidadão, tendo como fundamentação as análises realizadas pelos pesquisadores Nicolau Sevcenko, Beatriz Resende, Lilia M. Schwarcz e Felipe Botelho Corrêa.

## 2 UMA LITERATURA MILITANTE

Afonso Henriques Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, oito anos antes da abolição da escravatura e nove anos antes da deflagração do golpe militar que implementou o regime republicano no Brasil. Impulsionado pelo pai, também funcionário público, iniciou seus estudos de engenharia na escola Politécnica, abandonando o curso no segundo ano por falta de recursos. Foi amanuense do Ministério da Guerra, e como outros tantos escritores e intelectuais brasileiros, ingressou em 1903 no funcionalismo e atuou no jornalismo em decorrência da ausência de organização de uma categoria de trabalho de literatos brasileiros. Era filho de uma professora negra liberta, e foi substancial intelectual negro, escritor, crítico e “agitador” literário, jornalista consciente e crítico, preocupado com o registro do presente e de sua compreensão; escreveu para desmontar e denunciar as falsas relações, impressões e supostas boas intenções da Primeira República e da sociedade carioca, com sua “literatura militante”. As primeiras crônicas de Lima Barreto foram publicadas em 1902, no jornal *A Lanterna*, primeiro com o pseudônimo “Alfa Z” e depois assinando como “Momento de Inércia”. A tônica era de crítica ao seu contexto estudantil (ele mesmo, seus colegas e professores da Politécnica) e também ao cenário político brasileiro. Seu início no jornalismo ocorreu em 1904, escrevendo reportagens para o jornal de prestígio “Correio da Manhã”, que posteriormente seria alvo de suas críticas, voltadas à imprensa de grande porte aliada aos ditames políticos.

As críticas ao regime republicano, às elites, aos símbolos e papéis de diferenciação e discriminação sociais, às ideologias violentas e enviesadas, foram orientadas no sentido de desmontar os poderes do capital, legitimados pelas práticas políticas e pelos discursos cientificistas. A farta produção de crítica social está embasada, na escrita barretiana, em profícua formação intelectual e a confluência de ideias e propostas de importantes pensadores do período, de variadas orientações ideológicas: o maximalismo, o liberalismo reformista de cunho social, o humanismo russo, o racionalismo, o naturalismo, o neorromantismo, entre outras correntes. De acordo com Sevcenko (1999), a preocupação de transmissão de visão de mundo, nas produções de Lima Barreto, tem por núcleos principais a apresentação das práticas de poder

orquestradas pelas elites e também dos efeitos destas práticas, utilizando linguagem clara, condensando orientações filosóficas e literárias diversas, que corroboravam com sua trajetória de vida e seus posicionamentos diante do cenário social brasileiro, objetivando por meio da comunicação direta e propositiva a denúncia deste Brasil invertido, em que as práticas imorais garantiam a manutenção de privilégios para alguns e a opressão da grande maioria.

Os efeitos do poder do capital viabilizado pelas elites políticas brasileiras, como a exclusão da população pobre, em sua maioria negra, as desigualdades sociais e raciais e o descaso do poder público com relação ao povo eram questões também presentes em suas produções de gêneros literários diversos, com intensa presença da ironia e da sátira como recurso para denúncia. A literatura era instrumento de compreensão da realidade brasileira, de crítica aos postulados republicanos orientados pela elite que se acomodava e organizava a esfera pública para obtenção de vantagens e ganhos políticos e econômicos; também foi na produção literária, de cunho funcional e operacional, que se apresentou a configuração de uma nova perspectiva de Brasil, pautada na solidariedade e no lugar de todos no mundo, com dignidade e reconhecimento da humanidade e não das posses e interesses econômicos, segundo sua perspectiva humanista.

Lima Barreto integrou um grupo de intelectuais boêmios cariocas que se reuniam em confeitarias, cafés, bares e outros espaços da capital federal e em diálogo com grupos que estavam às margens da sociedade rica e elitista (como o grupo que se reunia na casa da Tia Ciata na Praça Onze e local de consolidação do samba, composto por músicos, poetas, malandros, candomblecistas, capoeiras, etc.), para troca de ideias e a fundamentação de uma literatura crítica, mas que utilizava recursos humorísticos como a sátira e a piada para refletir, questionar e denunciar as relações sociais das elites brasileiras, o poder político, as desigualdades sociais e a literatura produzida sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras e os discursos elitistas e normatizadores, a chamada “literatura sorriso da cidade”. A visão crítica com relação ao período histórico e ideológico, estabelecendo novos olhares para as questões da nacionalidade, a ruptura com os padrões literários tradicionais, o uso da sátira como recurso e as reflexões assim como incorporações de

aspectos das culturas modernas europeias caracterizam este grupo como modernistas cariocas, de produção e estética anteriores aos paulistas ligados à Semana de 1922.

Este grupo de boêmios, que se autointitulava “confraria humorística” (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 341), constituíram laços de apoio quase familiares. Sob a liderança de Lima Barreto, foi organizada a revista *Floreal*, publicada em 1907, mas que contou somente com quatro números, provavelmente em razão de suas intenções e formato. A principal proposta que ensejou a criação deste periódico foi a de renovação da produção literária brasileira, possibilitando a apresentação de novos escritores, assim como de escritas em que as questões sociais brasileiras fossem abordadas de forma crítica e que estivessem em consonância com a distribuição em proporções mais amplas e que alcançassem a população de modo geral, com utilização de linguagem simples e acessível.

Editor e redator do periódico de formato e intenções inovadoras, Lima Barreto teve por inspiração a experiência adquirida no curto período em que exerceu a função de secretário da revista *Fon-Fon!* Ele e seu grupo de amigos ousados, que objetivavam criticar as produções literárias daqueles ligados à Academia Brasileira de Letras, assim como os veículos midiáticos muito adequados aos jogos políticos e de poder, viveram em um período de expansão dos meios de comunicação impressos, com significativo crescimento do número de jornais e revistas ilustradas lançados nessa primeira década do século XX, impulsionado pelos ganhos e melhorias técnicas para impressão e reprodução, e que se relaciona com o aumento do interesse por informações e também com a formação de uma classe média que consome hábitos e práticas culturais elitizadas, também em expansão. É importante apresentar este contexto histórico brasileiro, pois é a partir da Proclamação da República e da organização das novas lógicas políticas e de acumulação de capital e de formatação de novas orientações de cultura e consumo que podemos compreender a dinâmica da trajetória de Lima Barreto, de outros escritores *outsiders* e da relação que estes estabeleciam com o *status quo*. Lima Barreto tinha posturas controversas, sobretudo militantes e atuantes, mas que também dialogavam de certa forma com o *status quo*, vide sua atuação na revista *Fon-Fon!* e também da revista *Careta*, em 1915, e depois entre 1919 e 1922, ano de sua morte.

Após um primeiro momento de maior euforia de intelectuais e pensadores republicanos ou de vieses não conservadores, decorrente da expectativa criada com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, o Brasil mergulhou em um período conturbado, de reorganização de forças políticas, de forte repressão oficial aos movimentos sociais e revoltas civis e militares (como Canudos, Contestado, as revoltas da Vacina e da Chibata e outras manifestações como a Revolta da Armada e dos Tenentes), de medidas autoritárias e excludentes que marcaram a chamada Primeira República. É importante considerar e ressaltar que nesse período e diante do autoritarismo em níveis local e nacional, da repressão e dos diversos processos de exclusão, forças políticas e sociais significativas passaram a compor o cenário nacional e a pleitear mudanças em diversos âmbitos, com o fortalecimento de trabalhadores urbanos e rurais com o movimento operário anarquista ou de orientação socialista, de instituições de caráter democrático e de luta por direitos para pobres e de procedimentos ligados ao regime republicano que auxiliaram a consolidação deste regime político em nosso país.

Houve intensificação da industrialização a partir deste período, com crescimento urbano em decorrência da imigração europeia e da migração de brasileiros pobres e libertos que saíam de outras regiões, rurais ou decadentes, para nas cidades buscarem melhores condições de vida. O fim do século XIX e início do XX é também caracterizado como a Belle Époque brasileira, marcada por intensa adoção de aspectos culturais, científicos e filosóficos, além de diversos produtos europeus, principalmente franceses, pelas elites brasileiras assim como pelo poder público, a chamada “europeização”, de acordo com Mary Del Priore e Renato Pinto Venâncio (2001, p. 269). Dentro desse conjunto, a “Regeneração”, termo utilizado para designar os projetos das reformas de centros urbanos, foi empreendida pelos poderes públicos para a modernização e a europeização dos centros urbanos, como a capital federal, São Paulo, Belo Horizonte e Manaus, visando a ampliação das vias públicas, a criação de boulevards e de construções amplas que reconfigurassem estas cidades, nos moldes parisienses. As aberturas nos espaços do centro do Rio de Janeiro foram possibilitadas pelas destruições de construções antigas que abrigavam inúmeras pessoas, como nos casos da reorganização da região do porto e da Avenida Central. Estes projetos de grandes obras públicas e de ampliação dos espaços

urbanos foram executados por meio de empréstimos de capitais de empresas internacionais que aqui se estabeleceram para prestação de serviços básicos. No plano ideológico, essas transformações foram embasadas por discursos de orientação positivista, em que o progresso e a ciência conduziriam o Brasil a um lugar de destaque entre os países mais desenvolvidos e ricos do mundo.

As transformações urbanas movimentaram e aceleraram a expansão das novidades nas comunicações e nos transportes, como o telefone, o telégrafo, os bondes e os automóveis. Também já apontamos o crescimento de jornais e revistas ilustradas neste período, com a reprodução das práticas culturais e sociais europeias. A modernidade importada produziu mudanças nas práticas de consumo e nos hábitos das elites e das classes médias, com a introdução de novos elementos para o acesso à produção cultural: os cinemas, a moda, novos jogos e distrações, como o jogo do bicho, o futebol, etc. Estas novas dinâmicas culturais e sociais, além das mudanças nos espaços urbanos, não foram disponibilizadas para todos, e o acesso foi possível a uma pequena parcela da população da capital federal e dos outros centros urbanos brasileiros: os espaços rapidamente foram demarcados, e aqueles considerados não pertencentes eram alvo de intensa violência simbólica e marginalização, como no caso do próprio Lima Barreto. Os produtos culturais, símbolos da modernidade civilizatória e otimista, eram consumidos e desfrutados por poucos.

A Belle Époque não foi um período de embelezamento, de modernização e urbanização com propósitos neutros. Na verdade, suas práticas discursivas deram legitimidade às intenções reformistas de higienizar os espaços dos centros urbanos e afastar para as periferias os mais pobres. Tendo em vista o crescimento da população urbana graças à imigração europeia e à intensificação da industrialização, o poder público promoveu a expulsão da população pobre, em sua maioria negra, que morava em cortiços e casarões nas regiões centrais, principalmente no Rio de Janeiro. As reformas urbanas estão articuladas com interesses políticos e hegemônicos de higienização racial destes centros e para além dos espaços urbanos, de eliminar a população negra, considerada “degenerada” pelas teorias e discursos deterministas do darwinismo social, da mestiçagem e da antropologia criminal. Mulheres e homens negros, que após 1888 não foram integrados à sociedade capitalista, não receberam nenhum tipo de reparo ou indenização, substituídos pela mão de obra imigrante europeia e

marginalizados pelos discursos raciais que relegaram à população negra questões relativas às doenças, ao atraso e aos problemas urbanos e sociais.

A literatura militante de Lima Barreto não se resume a um único gênero literário. São contos, crônicas, sátiras e romances publicados em formatos de folhetim e nas páginas de revistas e jornais prestigiados na capital federal, veiculação que resultou em partes das boas relações estabelecidas pelo escritor. Os personagens de seus escritos são de inúmeros tipos sociais, com a abrangência da vastidão que o grande centro urbano comporta, de classes sociais e profissões muito diversas, assim como suas relações com o poder e seus efeitos. Os cenários também são extratos da gama urbana, das relações e choques entre centro-periferia – mesmo quando em âmbitos privados –, captados pela perspectiva observadora, mas também atuante e interessado na transformação social. Os escritos barretianos versavam sobre a fraqueza da burguesia brasileira e sobre a inversão de valores morais que operava a organização social, onde preponderavam a competição, a concorrência e a concentração de capital e poder. Suas críticas e análises são decorrentes de suas relações ou distanciamentos (impostos ou escolhidos) com esta composição social e política, visto, por exemplo, seu drama familiar após o desligamento do pai do funcionalismo público com o fim da monarquia; ou ainda a necessidade de Lima tornar-se provedor do sustento de sua família muito cedo, tendo abandonado os estudos e vivido em crescentes dificuldades devido às políticas econômicas que oneravam a população com altos índices de inflação, e por consequência o constante aumento nos custos de vida.

### 3 ANÁLISE DAS CRÔNICAS

As crônicas selecionadas para análise são da fase mais jovem do escritor, que em 1907 contava com 26 anos, quase concomitante à publicação de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* em formato de folhetim, na *Floreal* (a publicação em formato livro ocorre em 1909). Citamos aqui os títulos das quatorze crônicas de Lima Barreto publicadas no ano de 1907 na revista *Fon-Fon!* durante o período de sua colaboração (cerca de nove meses), sob diversos pseudônimos. As crônicas estão assim intituladas: *As paradas da Jardim* (publicada em 13/04/1907, assinada por Amil), *Conversas* (publicada em 13/04/1907, assinada por Amil), *A brigada do entusiasmo* (publicada em 13/04/1907, assinada por Amil), *Falsificações* (publicada em 20/04/1907, assinada por Phileas Fogg), *A questão da cerveja* (publicada em 20/04/1907, assinada por Pingente), *Um five o'clock* (publicada em 20/04/1907, assinada por Barão de Sumaret), *As tabuletas da Avenida* (publicada em 02/05/1907, assinada por Mié), *Academia comercial* (publicada em 04/05/1907, assinada por Amil), *O fio de linha* (publicada em 11/05/1907, assinada por Holmes), *Novas análises* (publicada em 25/05/1907, assinada por Amil), *O astrônomo da avenida* (publicada em 01/06/1907, assinada por Amil), *A propósito* (publicada em 01/06/1907, assinada por Eran), *O fiscal e o condutor* (publicada em 08/06/1907, assinada por Pingente), *O futuro do feminismo* (publicada em 03/08/1907, assinada por Amil). Estas produções barretianas foram extraídas do livro do pesquisador Felipe Botelho Corrêa, intitulado *Sátiras e outras subversões*, publicado em 2016, que reúne 164 crônicas de Lima Barreto que não haviam sido publicadas em livro devido à dificuldade na organização do material, também porque Lima Barreto usava grande número de pseudônimos. Vamos tratar mais adiante dos dois suportes culturais, mencionados neste trabalho: a revista *Fon-Fon!* e o livro *Sátiras e outras subversões*.

As três crônicas selecionadas para este trabalho apresentam questões relativas à organização urbana do Rio de Janeiro com os cenários compostos a partir da rua, nas paisagens externas, nos movimentos da modernidade. A primeira delas, de acordo com a sequência de publicação e por ordem cronológica, é *As paradas da Jardim*, tratando das paradas dos bondes da Companhia Jardim Botânico, que percorrem a cidade. Na primeira parte da



crônica, há discussão sobre a diferença dos saberes das elites e aqueles encontrados nos livros, sendo os primeiros remetidos às propostas da civilização, com suas “paradas”, que é “uma grande medida, uma medida de civilização” (BARRETO, 2016, p. 208). Não escapa à crítica a ciência, quando menciona as discussões referentes ao vermute, com as discordâncias entre a Alfândega e o Museu Pedagogium sobre a bebida. Lima conclui a questão com a indicação de que a ciência é infalível para quem a cultua e não admite discussões sobre suas bases, o que evidencia a crítica.

As paradas estão organizadas de acordo com as orientações das elites e são objetos de análise de Lima, que toma o bonde e vai pontuando a organização, com uma escrita muito próxima ao diálogo, com interjeições e comentários: o bonde não para em frente ao prédio da Imprensa Nacional, o que é alvo de avaliação, já que não há Cordão de Carnaval ou ministro que faça a sua parada diante da Imprensa ou de seus repórteres; tampouco o bonde para em frente ao Passeio Público, mas faz a parada em frente ao Teatro Lírico e à Academia Brasileira de Letras. A parada do Lírico tem observações consideráveis, com apontamentos sobre o antigo Teatro d. Pedro II, agora Teatro Lírico, onde a parada deveria ter aspectos mais chiques, mas é igual às outras. Com relação ao Passeio Público, a parada não foi posicionada de frente ao portão de acesso, mas mais próxima ao Cassino, um esquecimento considerável segundo o cronista. A parada diante da Academia Brasileira de Letras leva em consideração o reconhecimento deste prédio de acordo com o sentido do bonde e de seu passageiro: para aqueles que chegam a este local vindos do sentido do largo da Carioca não há rápido reconhecimento a respeito do prédio, mas para os passageiros que chegam ali pelo sentido Botafogo o reconhecimento é imediato.

O cronista faz observações sobre as escolhas das paradas, e contrapõe os conhecimentos que encontra nos livros à sabedoria daqueles que organizam a cidade de acordo com a proposta de civilização. Para além, fica clara a constatação de que os bondes que circulam pela cidade estão organizados para atender determinados públicos e necessidades – são os cidadãos escolhidos pela lógica elegante. Há que se observar que esta crônica é a primeira publicação de Lima Barreto na *Fon-Fon!*

A segunda crônica tomada para análise intitula-se *As tabuletas da avenida*, com a exposição e comentários sobre os nomes dos estabelecimentos comerciais da Avenida Central nas “tabuletas”, tema abordado em outras crônicas presentes na publicação. O uso recorrente de termos e palavras francesas e inglesas, como a expressão *smart*, é a expressão da modernidade carioca, segundo Lima Barreto, mas que atrai e empolga não pela significação, mas pela obscuridade, e com isso o autor finaliza a crônica com a proposição de instalação de uma tabuleta em hieróglifo, que resultaria em grande sucesso. A salvação da civilização está na tabuleta *Café Chic!*, enquanto o estabelecimento de nome *Café Jeremias* é demasiado inconveniente. As palavras *chic* e *rosé* são expressões de modernidade carioca. Estas palavras e outras: *gentleman*, *XPTO*, *London*; é claro o uso do recurso da sátira para a crítica ao uso em demasia das expressões e práticas culturais estrangeiras, com o encantamento manifestado pelas pessoas e observado pelo cronista sobretudo pelo desconhecimento das mesmas expressões. A modernidade se revela oca nas tabuletas porque descaracterizada de sentido, com termos reproduzidos porque em voga e para atrair o consumo. O estrangeirismo está na moda, e adequar-se a sua dinâmica global é estar inserido no contexto cultural mais amplo, mas a forma como tal inserção e adequação se dão é discutível e revela a pretensão de atingir uma ligação com as nações ditas civilizadas, mas de forma superficial.

Por fim, a terceira crônica selecionada, *A propósito*, também tem como personagem os bondes. O cronista faz comparações entre os bondes que circulam nas regiões elitizadas e os bondes que circulam nos subúrbios, observando as práticas culturais distintas, permitidas de acordo com as regiões por onde os bondes circulam: vagões onde os passageiros podem fumar nos bondes que circulam nos subúrbios, ou os vagões destinados às mulheres nos bondes que trafegam nas regiões do centro. O bairro de Botafogo é a fronteira entre os dois mundos, e apresenta a visão do boulevard, enquanto os subúrbios têm a visão das justas medievais; Lima Barreto também compara as duas regiões, a de privilégios e a de pobreza, assim como àqueles que transitam nestes espaços, adequados a estes. À primeira propõe a visão moderna, compara à Paris do século XIX, e a segunda adequa ao medievo, com batalhas e duelos, em uma perspectiva romantizada dos subúrbios, mas também bastante direta: ao final da crônica, relaciona o amor e a morte no contexto suburbano.

Utiliza, para ilustrar suas comparações, a história vivida por “um moço, rico e fidalgo de recente nobreza” (BARRETO, 2016, p. 342) que foi desafiado a algo descrito como um duelo para a disputa do coração de determinada dama, na região do Encantado; é reconhecível o traço satírico na composição da narrativa que aproxima a disputa amorosa a uma batalha de características românticas ou medievais, dois adjetivos utilizados na crônica para definir os subúrbios.

Esta relação entre amor e morte traceja, com recursos históricos e românticos, a violência presente nas áreas suburbanas, e que não é simples reflexo da organização das pessoas que habitam estas áreas. A comparação entre as regiões privilegiadas e marginalizadas não sinaliza uma análise mais elaborada sobre os reflexos da primeira para a configuração social da segunda, mas de acordo com as perspectivas de escrita de Lima Barreto, suas obras e demais análises, seus apontamentos políticos e ideológicos, podemos inferir que havia clareza acerca das desigualdades e opressões produzidas pelas elites, e que estes recursos textuais estão relacionados à ironia, bastante utilizada pelo autor e que se verifica presente nas três crônicas selecionadas para este ensaio.

Tendo em vista o recorte proposto para esta análise e os apontamentos apresentados com relação a análises outras de obras barretianas, propomos a leitura destas três crônicas como narrativas históricas do Brasil no início do século XX. O gênero crônica tem a cidade como tema, como personagem, como cenário e também se relaciona à modernidade, com sua configuração textual enxuta, sendo possível estabelecer relações deste formato curto de textos com o imediatismo, a aceleração do ritmo de vida, da percepção temporal, da transposição mais rápida de distâncias com os meios de transporte modernos, da fotografia, do cinema, todos fenômenos da modernidade. Para os escritores, a crônica poderia viabilizar a profissionalização e o reconhecimento, a interrupção das tradições literárias e o ingresso no círculo fechado daqueles ligados à literatura canônica, que inclusive encaravam a crônica como um rebaixamento das tradições da produção literária.

Para Lima Barreto, as rupturas com a linguagem canônica e tradicional eliminou a cisão entre os âmbitos literário e jornalístico, e essa linguagem reorganizada está presente em suas crônicas e em seus romances, o que denota a versatilidade erudita e moderna do escritor. Como já observado, a relação de Lima Barreto com a modernidade e seus produtos culturais, assim como com a

imprensa brasileira, é complexa e delicada, sempre dotada de forte senso analítico. Lima Barreto foi leitor ávido de seu tempo, um *flâneur*, e utilizou os recursos provenientes desse contexto para sustentar suas análises, seus posicionamentos e suas perspectivas de transformação social e política para o Brasil.

Sendo o gênero crônica frequentemente associado às imagens fotográficas, podemos inferir que as crônicas barretianas aqui apresentadas são retratos da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. De forma mais detalhada: as três crônicas aqui apresentadas tratam do contexto urbano da capital federal e das inúmeras mudanças propostas a partir de um conjunto de políticas públicas para a reorganização da cidade. Segundo Hayden White, podemos aproximar a história e a literatura, pois o historiador utiliza os mesmos aparatos da escrita literária para a elaboração da narrativa histórica, como os gêneros literários, que White denomina como “urdidura do enredo” (1994, p. 109) que compõe a operação literária, junto dos dados e fontes históricas do período estudado e que resulta em artefatos literários. É a configuração literária, com modelos e referências da literatura, presentes no texto historiográfico que permite ao leitor de história o reconhecimento do que o historiador propõe analisar e averiguar, espécie de modelos culturais que aproximam a narrativa histórica do leitor, sendo que o leitor não precisa ser um especialista em história ou historiador para a compreensão do proposto.

Partindo dessa aproximação entre história e literatura, podemos inferir que as crônicas de Lima Barreto são ficcionais e também são descrições da sociedade carioca, dos processos de análise e da relação do escritor com este contexto, e possibilitam a aproximação com relação às questões discutidas ou impostas naquele período: as reorganizações espaciais da cidade, tendo o bonde como veículo de locomoção, de observação e de segregação entre centro e subúrbio (*As paradas da Jardim e A propósito*) a ampla adoção de termos e hábitos europeus e os desdobramentos sociais destas escolhas (*As tabuletas da Avenida*). Temos, com a leitura destas crônicas, o contato com a exposição de alguns dos aspectos referentes à Regeneração e à Belle Époque.

A sátira e a ironia eram recursos textuais muito presentes na escrita de Lima Barreto e de outros escritores do período, visualizados nas revistas de grande circulação, que contavam também com as caricaturas e gravuras

estilizadas, que davam o tom carnavalesco e humorístico aos periódicos do início do século XX no Brasil. Estes posicionamentos e práticas ilustram a percepção dos intelectuais e artistas brasileiros com relação ao contexto cultural e também político do período, sendo a sátira um recurso de análise e de ataque crítico às elites e à classe política. É com a ironia que se aponta a inversão de valores que fundamentam as práticas, em diversos âmbitos, do público ao privado, do político e relativo à formação de não cidadãos, de excluídos. A sátira, assim como a caricatura, tem o potencial de subverter a desordem estabelecida, ao escancarar e tornar risível a realidade de opressões deliberadas. Além disso, eram expressões e recursos que visavam à aproximação de leitores e especialmente àqueles que interpretavam as ironias com o repertório crítico do qual o escritor também se imbuía para a produção. Este recurso, ligado ao escárnio, em conjunto com a escolha de linguagem clara, tinha a pretensão de alcançar grande número de leitores, visto a concepção de uma literatura utilitária e missionária.

Foram diversos os pseudônimos utilizados por Lima Barreto para a publicação de seus textos, especialmente nas revistas *Fon-Fon!* e *Careta*, e sua adoção, além de ser prática bastante comum ao período, pode se justificar devido ao significativo número de textos apresentados às revistas para publicação, além da possibilidade de preservação da identidade do autor de textos ácidos. Podemos observar, por exemplo, que o primeiro número da revista *Fon-Fon!*, publicado em 13 de abril de 1907, conta com três crônicas de Lima, todas assinadas com o pseudônimo “Amil”, um anagrama do primeiro nome do escritor. Esta variedade de pseudônimos dificultou o trabalho de organização da produção barretiana por pesquisadores e admiradores de Lima Barreto, como Francisco de Assis Barbosa e Carlos Drummond de Andrade. Corrêa (2016) aponta para a possível existência de outros textos publicados com outros pseudônimos e que a coletânea de textos ficcionais barretianos organizada por ele não pretende apontar para o conhecimento de todos os escritos ficcionais em formato crônica de Lima Barreto.

Tendo em vista a proposta de investigação de Roger Chartier no texto *Textos, impressos e leituras* (2002), é possível propor algumas questões com relação aos suportes, enquanto artefatos culturais, onde estas crônicas e outros trabalhos do autor foram publicados, seja no início do século XX (as revistas, e

aqui especificamente a revista *Fon-Fon!* e com o recorte temporal de seu primeiro ano de circulação, em 1907) e agora no século XXI (o livro coletânea de Felipe Botelho Corrêa, publicado em 2016). Chartier observa que os suportes impressos são espaços de investigação das relações entre o texto e o leitor. Os artefatos culturais, para além dos conteúdos publicados, agregam e apresentam elementos históricos significativos para a interpretação das relações entre várias perspectivas das práticas de leitura: intenções dos proponentes e sua história de organização e publicação; a composição editorial e os públicos almejados e atingidos; relações com outras produções ou com as perspectivas ideológicas ou artísticas do período; os materiais e formatos utilizados para reprodução; as formas de circulação e utilização dos artefatos, entre outros aspectos que podem conduzir a pesquisa do suporte impresso (livros, revistas, enciclopédias, e outros).

No início do século XX, as revistas ilustradas foram veículos de comunicação fundamentais para a propagação e acesso às reflexões e críticas sobre a política e as práticas culturais porque eram produções mais populares, esteticamente agradáveis e que atingiam grande número de leitores. Assimilando um tipo de produção literária e publicitária do período, fruto da modernidade europeia, Lima Barreto entendeu estas publicações como mecanismos de reflexão de leituras do Brasil e desmonte da concepção elitista de um país construído para alguns, sob a perspectiva de transformação social. Grande parte de seus textos nos diferentes formatos propostos foram publicados em periódicos, como as revistas *Fon-Fon!*, *Careta*, *A.B.C.*, etc.

A revista *Fon-Fon!* foi criada em 1907 para ser mais rentável que a revista *Kosmos*, as duas dirigidas por Jorge Schmidt, e tinha por orientação os valores e aspectos relativos à modernidade e por proposta a abordagem de diversos aspectos culturais presentes na sociedade carioca: atualidades e pessoas de destaque social; mas também de viés político e crítico, tratado por meio do humor, das caricaturas e das sátiras. Seu nome faz referência a um dos principais traços da modernidade, o automóvel. Era uma publicação semanal, bastante colorida e obteve rápido sucesso, justamente por conta de seu formato leve, jovial e com as características modernas em voga: fotografias, caricaturas, páginas com diagramação e papel atrativos; informações de vários vieses e publicações sobre moda, hábitos e aspectos culturais, como cinema, teatro,

literatura, contava com jogos curiosidades, concursos, com publicações que aproximavam os leitores, assim como uma coluna social, com a exposição e acompanhamento de circulação de pessoas entendidas como importantes na sociedade carioca do período. Este amplo lastro de temas e propostas de interação permitia a interação e consumo de suas páginas por pessoas com interesses distintos (políticos, artísticos, ligados à moda, a vida social do Rio de Janeiro). A revista passou por várias mudanças com relação a editores, reelaborações e direcionamentos sobre temas e alcance de determinados grupos até o final de sua publicação, em 1958.

Quanto ao suporte *Fon- Fon!*, podemos observar que a revista tinha tiragem alta com relação a outras do período, o que pressupõe uma abrangência relevante de suas edições. A gama de áreas e temáticas apresentadas na revista permite propor destacada inserção na sociedade carioca, assim como veículo de normatização cultural e social, com o mote da “civilização” no Rio de Janeiro após as reformas urbanistas e a ampla adoção de produtos da cultura francesa, bastante criticada por Lima Barreto no mesmo periódico, o que é importante e considerável observar. Sendo assim, é necessária a análise do periódico para entender a dinâmica das publicações de Lima Barreto na revista. Para além, fica a indagação com relação ao acesso da população pobre ao periódico, e talvez essa seja uma das razões para o afastamento de Lima Barreto da revista ainda em 1907.

Quanto ao livro organizado por Felipe Botelho Corrêa, também podemos levantar alguns de seus aspectos. O pesquisador é brasileiro e atualmente é professor de literatura e culturas de língua portuguesa na King’s College London. A publicação é de 2016, em coleção proposta por duas editoras de grande porte, a Companhia das Letras, brasileira, e a Penguin, britânica. A coleção tem publicações em duas áreas: ficcionais, que é o caso deste livro, e não ficcionais; tem a publicação de títulos substanciais para a história de nossa literatura, com preços acessíveis e formato visivelmente barato (capa e papel). O livro conta com 552 páginas e 164 crônicas de Lima Barreto, divididas por seções que foram organizadas pelo pesquisador: *Para fazer o país feliz, precisamos despovoá-lo pela miséria; A sã política é filha da moral e da razão; O nosso tempo é extraordinário; O país das vaidadezinhas; Vida suburbana; Pistolões e costumes administrativos; A economia e a carestia da vida*. Os títulos das seções são

extratos de crônicas, e podemos indicar que a organização foi feita tendo em vista os temas discutidos nas crônicas. A introdução é feita pelo próprio Felipe Botelho Corrêa, e apresenta inicialmente uma foto tirada quando do lançamento da revista *Fon-Fon!*, usada pelo pesquisador para localizar Lima Barreto naquele contexto, de lançamento da revista e de intelectual atuante e combativo. As crônicas publicadas no periódico *Careta* são em maior número, e o pesquisador expõe com mais detalhes as composições dos pseudônimos utilizados por Lima para as crônicas veiculadas na *Careta*, quase ao final de sua introdução. As informações sobre a trajetória de Lima na revista *Fon-Fon!* estão em menor volume, considerando a rápida passagem do escritor pela redação deste periódico. O livro tem grande quantidade de notas bem organizadas e que tratam de vários aspectos do que é abordado nas crônicas.

Não temos dados sobre o acesso ao livro, número de vendas e um perfil dos consumidores da publicação, assim como sobre sua utilização, se para fins de pesquisa ou leitura literária, mesmo considerando a especificidade da publicação, de compilação de crônicas ficcionais de um importante escritor brasileiro. Segundo Chartier, a composição da leitura é realizada no diálogo entre os três polos: o texto, o impresso, o leitor. Assim, a publicação aqui utilizada para a seleção das crônicas também é passível de análise enquanto discurso e composição de narrativas históricas indissociáveis de seu contexto de produção, veiculação e objetivos. Para tanto, teríamos de coletar dados junto da editora e de livrarias, o que não nos foi possível neste ensaio. Ainda assim, analisamos o formato livro e já apontamos o intuito do pesquisador, de coletar e reunir crônicas de Lima Barreto que não haviam sido reunidas no formato livro. A importância do trabalho de Felipe Botelho Corrêa está diretamente imbricada a este ensaio, posto que sem esta publicação não teríamos realizado a análise das crônicas de Lima Barreto publicadas sob o pseudônimo Amil, na revista *Fon-Fon!* no ano de 1907, visto que as pesquisas realizadas por Francisco de Assis Barbosa identificaram somente as crônicas assinadas por S. Holmes e Phileas Fogg como produções barretianas.

A literatura de Lima Barreto é veículo, instrumento de análise, de constatação e de criticidade satírica. Com objetivo de atrair, produziu intensamente, usando linguagem clara e direta. Transmite uma visão de um Brasil de valores e práticas invertidos, que resultam em segregação e violências,



e assim desmonta o mito da Belle Epoque de modernização e civilização na capital federal. A literatura utilitária tem por missão a busca por construir situações e projeções de uma democracia que poderia tornar-se concreta, fundamentada em valores humanitários e solidários. Para Sevcenko (1999), escritores como Lima Barreto e Euclides da Cunha compreendiam a literatura utilitária e de forte senso crítico como recurso para denúncia, e como escritores-cidadãos, construíram projetos de um Estado nacional. A literatura é a história do presente, é instrumento funcional e operacional, que constrói simbolicamente o mundo; por meio da produção literária, composta por personagens e cenários abstratos, é possível relacionar e compreender questões da realidade, históricas e ideológicas, em âmbitos nacionais e internacionais: movimentos artísticos, literários, filosóficos, circunstâncias políticas e históricas, trajetórias e caminhos pessoais dos escritores e seus posicionamentos diante da realidade.

Corrêa (2016) aponta, em consonância às observações já feitas por Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido, que a escrita de Lima Barreto “funde experiências pessoais com comentários sociais”, compondo uma autoficção, fruto da preocupação do escritor em apresentar uma literatura constituída por representatividade social. Sua produção literária, portanto, não se afasta dos aspectos sociais, culturais, ideológicos do autor e em relação ao período histórico em que viveu, e pode ser entendida e utilizada como fonte histórica tendo em vista as representações que apresenta e das quais é composta.

A partir destas considerações, podemos relacionar a intelectualidade de Lima Barreto com o papel atribuído ao intelectual por Antonio Gramsci. Para este pensador, a função dos intelectuais é de promover a construção de uma consciência crítica e que relaciona a teoria aos saberes e impressões que observam e absorvem a realidade, na experiência coletiva com a população, extrapolando o senso comum e mediando a relação do povo com o Estado. Esta mediação realizada pelos intelectuais visa a organização e efetivação de um projeto de emancipação social para as classes subalternizadas, em clara função operacional de condensação e formação política da população para a quebra da dinâmica hegemônica de poder e exploração. Lima Barreto é um intelectual orgânico brasileiro, e esta formação se dá a partir de sua constituição e trajetória pessoal, familiar e enquanto cidadão politizado e militante, e da relação de sua

trajetória com a realidade do Brasil configurada na consolidação do regime republicano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos dos movimentos artísticos da modernidade mais emblemáticos está relacionado à observação feita pelo artista das multidões, das movimentações das cidades, da efemeridade espaço-temporal e cultural e ainda dos avanços tecnológicos. A figura do *flâneur* pode estar de certa forma afastada destas movimentações urbanas, mas as acompanha, e a produção artística da modernidade reflete as tensões, os estranhamentos e os incômodos do artista observador da galopante configuração dos tempos modernos. Tendo em vista esta breve concepção da figura do *flâneur*, podemos concluir que a literatura militante de Lima Barreto nos possibilita compreender os arranjos políticos e econômicos do início do período republicano, assim como os desdobramentos da Belle Époque brasileira, com suas produções literárias que observam, descrevem e criticam o que está nas ruas da capital federal, da pobreza crescente de muitos aos luxos excessivos de poucos.

As crônicas barretianas são narrativas históricas que apresentam o cenário urbano de uma das principais cidades brasileiras no início do século XX, com questionamentos sobre o acesso aos espaços urbanos e sobre as práticas culturais importadas e justificadas tantas vezes pela simples reprodução de modelos considerados unicamente válidos, e que resultariam no reconhecimento do país frente às nações hegemônicas. São produções literárias que utilizam modelos e recursos para a escrita e suportes culturais considerados elitizados para a publicação, mas que propõem com criticidade e humanidade novos olhares e novas percepções com relação ao país que está em construção no período e a seus cidadãos. A sátira é recurso para expor as mazelas de uma sociedade que se constituiu sobre valores e práticas individualistas e arrivistas; para além da crítica, Lima Barreto aponta caminhos, com sua produção literária, para a construção de uma sociedade mais justa.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, L. *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016. RESENDE, B. (org.)
- BARRETO, L. *Sátiras e outras subversões*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016. CORRÊA, F. B. (org.)
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CHARTIER, R. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 121-139.
- DEL PRIORE, M; VENÂNCIO, R. P. *O livro de ouro da história do Brasil*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2001. p. 269. p. 269-310.
- DURIGUETTO, M. L. A questão dos intelectuais em Gramsci. *Ser. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 118, p-265-293, abr/jun. 2014.
- GOMES, A. C.; FERREIRA, M. M. de. Primeira República: um balanço historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 4, 1989, p. 244-280.
- NOVAIS, F. A. *História da vida privada no Brasil*, 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. SEVCENKO, N. (org.)
- RESENDE, B. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Belo Horizonte: Eitora Autêntica, 2017.
- SCHWARCZ, L.; STARLING, H. M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 318-350.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- VELLOSO M. P. O Modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 353-385.
- WHITE, H. *Trópicos do discurso*. Editora: EdUSP, 1994.
- ZANON, M. C. A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas da Fon-Fon! *Patrimônio e Memória*, UNESP – Assis, vol. 4, n. 2, jun. 2009, p. 217-235.